

UM LUGAR DE RESPEITO: AS CONTRIBUIÇÕES DO ENSINO DE GEOGRAFIA NO COMBATE À LGBTFOBIA NO AMBIENTE ESCOLAR

David Matheus da Silva Frade¹
Anderson Vinnycius Lourenço da Silva²
Simone Affonso da Silva³

RESUMO

O trabalho consiste em um projeto realizado a partir disciplina *PRACC 4: As práticas em Geografia*, no âmbito do Curso de Geografia Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas, voltado à elaboração e aplicação de uma proposta didática focada na temática das questões de gênero e sexualidade no ambiente escolar. Face aos recorrentes casos de LGBTfobia nas escolas brasileiras e por se tratar de uma temática desafiadora e que urge tratamento adequado no ensino básico, o projeto levanta o seguinte questionamento: o ambiente escolar pode ser considerado um “lugar de pertencimento” para pessoas LGBTQIA+? Logo, o objetivo da pesquisa é levar os estudantes do Ensino Médio de uma escola pública de Maceió a identificar e analisar criticamente a existência de opressões e discriminações que ocorrem dentro de sua escola e demais espaços de convivência social da comunidade, a partir da aplicação de uma sequência didática embasada em diversas atividades, incluindo pesquisa de campo. Na metodologia, partimos de revisão bibliográfica e documental, seguida da proposição e execução do projeto *Um lugar de respeito* em uma escola pública de Maceió, finalizando com o relato de experiência da prática docente e a análise dos resultados obtidos. A abordagem geográfica foi conduzida através dos conceitos de lugar e de território, a fim de compreender sua mobilização no cotidiano da comunidade escolar e de exemplificar estratégias didáticas e metodológicas no ensino de Geografia que podem contribuir no combate à LGBTfobia. Os resultados evidenciam, a partir da visão dos alunos, que a escola tem muito o que evoluir para se tornar um lugar de respeito, já que foram identificadas e analisadas criticamente diversas formas de violência no cotidiano escolar para os alunos LGBTQIA+. Nesse sentido, conclui-se que os padrões heteronormativos ainda segregam os espaços escolares, trazendo insegurança e o não pertencimento para os alunos da comunidade LGBTQIA+.

Palavras-chave: Educação geográfica; Gênero e Sexualidade; comunidade LGBTQIA+.

INTRODUÇÃO

Trabalhar as questões de gênero e sexualidade no ambiente escolar mostra-se bastante complexo e difícil, levando em consideração nossa sociedade construída com princípios machistas e de padrões cis heteronormativos que enaltecem a heterossexualidade cisgênero masculina como suprema e ideal, formando um padrão social a ser seguido e vivido. Diante

¹ Graduando do Curso de Geografia Licenciatura do Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal de Alagoas – UFAL david.frade@igdema.ufal.br;

² Graduando do Curso de Geografia Licenciatura do Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, anderson.lourenco@igdema.ufal.br;

³ Professora Adjunta do Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, simone.silva@igdema.ufal.br.



desta visão atrasada e intolerante, pessoas LGBTQIA+ vêm sofrendo diversos tipos de violência nos espaços sociais: nos templos religiosos, no meio familiar, nas escolas, no ambiente de trabalho, em locais públicos e privados de uso coletivo etc. Esses atos de violência causam a segregação e a marginalização dessas pessoas, impactando diretamente suas vidas cotidianas.

O Observatório de Mortes e Violências LGBTI+ no Brasil (2024), afirma que, só em 2023, o país contabilizou 230 assassinatos contra pessoas LGBTQIA+, desse número, 61% são pessoas travestis e mulheres transsexuais. Ou seja, foram 230 ações de violência extrema contra os corpos LGBTQIA+, 230 vezes em que pessoas foram privadas de suas próprias vidas por simplesmente serem quem são em um país que se diz democrático no século XXI. O ódio e a LGBTfobia contra os corpos que se opõem ao pensamento machista colonial se revelou no ano de 2023 por 230 vezes - além dos muitos outros casos que foram invisibilizados.

A violência contra pessoas LGBTQIA+ muitas vezes é “normalizada”, sobretudo nas escolas. Aquilo que é tido apenas com uma brincadeira e, quando denunciada, passa a ser nomeada de *bullying*, acaba sendo esquecida pelo agressor e os demais que presenciam o ato, mas e a/o agredida/o? Precisamos não deixar esquecer que quaisquer ações de violência, seja ela física ou não, contra pessoas LGBTQIA+ tem nome: LGBTfobia, um crime que parte da violência de ódio. A homofobia e a transfobia, por decisão do Supremo Tribunal Federal em 2019, pode se enquadrar nos crimes de preconceitos raciais segundo a Lei nº 7.716/89, conhecida como a Lei do Racismo (TJDFT, 2022).

Segundo Silva Neto (2022), a LGBTfobia é bastante presente nos espaços escolares do Brasil, havendo diversos relatos de estudantes oprimidos pelos educadores e colegas de turma, assim como professores e demais funcionários são vítimas do crime por parte de alunos, pais e colegas de trabalho.

Desse modo, emerge como problema de investigação: o espaço escolar pode ser considerado como um “lugar” de pertencimento para pessoas LGBTQIA+? Por conseguinte, a pesquisa tem como objetivo identificar e analisar criticamente as opressões e discriminações que ocorrem contra pessoas LGBTQIA+ dentro de uma escola estadual localizada em Maceió (AL). Como procedimento de investigação, partimos de uma revisão bibliográfica sobre os conceitos geográficos “lugar” e “território” para compreender sua mobilização no cotidiano da comunidade escolar nos respectivos espaços educativos e para traçar estratégias didáticas e



metodológicas para o ensino de Geografia que possam contribuir no combate à LGBTfobia neste contexto. Outro procedimento adotado pela investigação foi a elaboração e aplicação de uma intervenção didática baseada no projeto *Um lugar de respeito*, com os alunos do 3º ano da referida escola, conforme o relato de experiência adiante.

Debatendo o papel do ensino de Geografia no combate à LGBTfobia

A priori, é preciso resgatar a conceituação de lugar no âmbito da ciência geográfica, que pode ser entendido, a partir da aproximação entre Geografia e fenomenologia na segunda metade do século XX, como “um determinado espaço, a partir das vivências, pertencimento, afetividade, nas quais as relações materiais e imateriais envolvem todas as experiências vividas em um determinado lugar” (Souza et al., 2022, p. 465), ou seja, é o significado atribuído pelos indivíduos de pertencer um determinado espaço. Nessa vertente, o conceito abarca diversas questões do cotidiano através das diferentes formas de expressão e identidade das pessoas com determinado espaço, ressaltando a subjetividade, ou seja, a percepção que o ser humano possui do espaço geográfico e como ela influencia sua relação com ele (Alves; Scarlato, 2019).

Contudo, nos primórdios do pensamento geográfico, a vertente da Geografia Tradicional caracterizava o lugar como uma localização fixa e, só no século XX, na vertente da Geografia Crítica, que o lugar passou a ser considerado uma abordagem adequada na compreensão do processo social sobre a produção do espaço (Ferreira, 2002), considerando “[...] o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo” (Carlos, 2007, p.17). A partir disso, o lugar se associa ao sentimento de pertencimento, que é o fator principal para diferenciar lugar de espaço através dos significados atribuídos, percepções e experiências individuais sobre determinada área. Alves e Scarlato (2019) pontuam que, à luz do materialismo histórico, o conceito de lugar na Geografia teria sido relacionado ao conceito de cotidiano e adquirido o caráter de espaço vivido, o *lócus* de reprodução da vida.

O lugar é repleto de simbolismos e identidades construídas pelos sujeitos a partir do sentimento de pertencer ou não à determinado espaço, e isso traz entendimento das dinâmicas espaciais e a compreensão de fatores que contribuem para esse sentimento, possibilitando um olhar crítico sobre o mundo e sobre as questões sociais (Souza et al., 2022).

Por sua vez, o conceito de território está ligado ao exercício do poder sobre uma porção do espaço geográfico, geralmente, recorrendo-se ao uso da violência e da força. Na



Geografia Tradicional o conceito se aplica, sobretudo, à atuação dos Estados nacionais – território como substrato do Estado-Nação. Contudo, em vertentes mais contemporâneas, a noção de território não necessariamente se vincula à uma dada institucionalização político-jurídico-administrativa, destacando-se a concepção de território como espaço identitário e como espaço de prática social, que se aplica tanto ao espaço geográfico estatal como à apropriação simbólica que ocorre a partir das relações de poder em suas diversas escalas espaciais e temporais e em diferentes formas (Souza, 2000; Moraes, 2005; Becker, 2005; Haesbaert, 2005).

De forma didática, no ensino de Geografia, entender a realidade em que se vive é um dos meios para compreender o mundo e lê-lo de forma crítica, e analisar o lugar e o território do qual se faz parte é essencial para permitir que o aluno desenvolva suas percepções sobre o seu espaço de vivência. Porém, não podemos afirmar que a escola pode ser considerada um lugar de pertencimento para todos, visto que há fatores que podem ou não contribuir para esse sentimento. Portanto, argumentamos que um dos elementos que podem corroborar para o sentimento de não pertencimento ao espaço escolar são as práticas de LGBTfobia manifestadas na escola. Na escola também se manifestam relações de poder entre indivíduos e grupos, podendo haver uma apropriação simbólica do espaço escolar a partir da territorialização de uns em detrimento de outros, que marcam sua presença e domínio por meio de determinadas práticas sociais e símbolos – representações visuais, verbais ou gestuais – que carregam um significado compartilhado atinente à inclusão ou exclusão de outrem.

A heteronormatividade tem se estabelecido como padrão social em diversas escalas e ambientes, incluindo o escolar, levando à promoção do ódio e da repulsa a pessoas LGBTQIA+ e vários tipos de violência contra esses corpos (Oliveira; Barbosa, 2022). O que de fato incomoda, é que “a homossexualidade põe em xeque as bases das famílias tradicionais cristãs e o patriarcado” (Cardoso; Zimmermann, 2021, p. 88), e o conservadorismo busca controlar todos os sistemas para que suas bases não sejam enfraquecidas. Nessa visão, “a LGBTfobia é considerada um ato sensato do indivíduo que tende a, por meio de sua moral excludente, julgar-se uma pessoa de bem” (Souza, 2021, p. 1504). Sendo assim, as instituições escolares geralmente são controladas e organizadas por essas bases para garantir que os “valores” não sejam corrompidos. Podemos então considerar o ambiente escolar e a educação como

Reprodutoras de recortes binários e heteronormativos — ressaltados e evidenciados, em seus diversos processos, tomando como natural que ser homem ou mulher são as



únicas possibilidades no que diz respeito à vivência do gênero, assim como todas as relações afetivas e sexuais serem validadas apenas nas relações entre gêneros opostos, objetivando assim relações heterossexuais e marginalizando outras formas de vivenciar a sexualidade (Oliveira; Barbosa, 2022, p.29).

Segundo Ramos (2019), a escola é marcada por séculos de LGBTfobia, presente ainda nos dias atuais a naturalização do preconceito em algumas instituições, o que faz com que os atos discriminatórios sejam praticados sem punições ou mesmo caracterizados como crime.

A escola como lugar de desenvolvimento e aprendizado ainda é tímida nas discussões sobre gênero e sexualidade, seja por falta de interesse das instituições ou pela ignorância que não permite discussões sobre a temática e a penalidade para os atos discriminatórios praticados. Isso ocorre já que “atualmente, no Brasil, impera um discurso político de direita extremista, religioso, arcaico que busca amordçar e anular a sexualidade, questões de gênero em educação e nos processos de formação de professores (as)”, apontam Cardoso e Zimmermann (2021, p. 89). Os autores destacam ainda que há o equívoco de que discutir a temática promove o incentivo de práticas sexuais na infância e adolescência, não considerando que na realidade o propósito de tais discussões é sanar dúvidas e tratar os anseios de jovens e adolescentes acerca do próprio corpo e da mente, promovendo, a nosso ver, a educação sexual e a saúde mental.

Dessa forma, algumas manifestações de atos LGBTfóbicos nas escolas são realizados através: da exclusão de pessoas LGBTQIA+ de algumas atividades escolares que têm o intuito de socialização; da censura e repreensão por parte da instituição perante gestos de afeto por pessoas LGBTQIA+; da não aceitação das diversas identidades de gênero; e da permissividade acerca de discursos vulgares e violências verbais, psicológicas e físicas (Ramos, 2019).

Uma das formas de LGBTfobia bastante presente são os grafismos desenhados em diversas partes do ambiente escolar, como em portas de banheiros, paredes e mesas das salas de aula. Segundo Cardoso e Zimmermann (2021), a falta de discussões e reflexões adequadas acerca da sexualidade e gênero faz com que muitos adolescentes manifestem seus anseios e desejos por meio de grafismos em espaços públicos ou privados de uso coletivo, o que causa vergonha, estranhamento e desconforto aos que se deparam com os desenhos.

Pela recorrência dos atos de LGBTfobia na escola, é preciso haver intervenções capazes de aclarar a gravidade da situação e também propiciar que os discentes se entendam inseridos nestes espaços independentemente de sua sexualidade. Entretanto, a temática dentro da Geografia é tida muitas vezes como incabível, fora do escopo da área, sendo essa uma



tarefa de outras áreas das ciências humanas. Contudo, a Geografia tem competência para tratar da temática em suas diversas nuances, seja de forma direta ou transversal. Para Souza (2021, p. 1516),

Como a Geografia é a ciência que estuda as relações sociais estabelecidas entre o ser humano e o meio, conclui-se que ela pode contribuir com explicações sobre como se dão a vivência e a produção de espaços baseadas no gênero e na sexualidade/orientação sexual das pessoas. O ensino de Geografia, portanto, pode e deve contribuir para que a/o aluna/o a compreenda como seu gênero, bem como sua sexualidade/orientação sexual, influenciam na forma como o espaço, nas mais diferentes escalas geográficas, é construído e vivenciado.

Os conceitos geográficos “lugar” e “território” se encaixam de forma primorosa nessa discussão, mobilizando tanto a noção de espaço vivido como a de territorialização dos diferentes agentes e atores sociais e suas implicações. Nesse panorama, indagamos: será que pessoas LGBTQIA+ podem considerar a escola como um de seus lugares de pertencimento? Será que os grafismos manifestados nas instituições promovem o afastamento ou exclusão de pessoas LGBTQIA+ desses ambientes e os fazem considerar a escola como um não-lugar? Logo, propomos uma intervenção didática que busca, através do olhar dos discentes, analisar se sua escola pode ser considerada ou não um lugar de pertencimento para pessoas LGBTQIA+.

Projeto: Um Lugar de Respeito

Como percurso metodológico, adotamos a pedagogia de projetos, propondo uma sequência didática baseada na metodologia da pesquisa-ação, conforme exhibe o quadro a seguir.

PROJETO: UM LUGAR DE RESPEITO	
PÚBLICO-ALVO: alunos do Ensino Médio da rede pública de Maceió (AL)	DURAÇÃO: 4 horas/aula
OBJETIVO: Identificar, registrar e analisar grafismos de cunho LGBTfóbico presentes no espaço escolar e outros espaços de vivência da comunidade a fim de examinar criticamente se a escola e os espaços locais de uso coletivo podem ser considerados lugares de pertencimento para todos, especialmente no que se refere ao respeito à diversidade e à inclusão das pessoas LGBTQIA+ na comunidade.	
COMPETÊNCIA ESPECÍFICA DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS PARA O ENSINO MÉDIO (BNCC): “5. Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos” (Brasil, 2018).	
HABILIDADES (BNCC): (EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.	



(EM13CHS503) Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.

COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS (BNCC): Consciência social; Habilidade de relacionamento; Tomada de decisão responsável.

TEMA CONTEMPORÂNEO TRANSVERSAL (BNCC): Educação em Direitos Humanos.

MATERIAIS E RECURSOS DIDÁTICOS: Projetor, notebook, quadro branco, marcador de quadro branco, celular ou máquina fotográfica, caderno, caneta e lápis.

ETAPAS:

1. *Aula expositiva dialogada (aula 1 e 2):* Debater, em diálogo com os alunos, os conceitos geográficos de lugar e de território, homofobia, transfobia, LGBTfobia e as diferentes formas de opressão para as pessoas LGBTQIA+ no cotidiano. Ao final da aula passar as orientações para os levantamentos de campo.
2. *Levantamentos de campo:* Organizados em dois grupos, os alunos levantarão, por meio de pesquisa de campo nas dependências da escola e outros espaços de vivência da comunidade, os grafismos em linguagens verbais (grupo 1) e não-verbais (grupo 2) de cunho LGBTfóbico. Os grupos poderão fazer os registros por meio de fotografias e vídeos, que serão utilizados para na apresentação dos resultados da pesquisa. Como complemento, os grupos poderão considerar gestos e atitudes observados na comunidade, descrevendo as situações e locais onde eles geralmente ocorrem, de acordo com suas experiências individuais e coletivas.
3. *Seleção, sistematização e análise do material:* Após a realização dos levantamentos de campo, caberá aos discentes organizar e analisar criticamente o material e preparar uma apresentação para a aula subsequente.
4. *Apresentação dos resultados e debate (aula 3):* cada grupo irá criar uma apresentação para exibir os resultados da pesquisa, utilizando as fotos e vídeos registrados. A apresentação poderá ser feita utilizando-se materiais físicos, como cartazes e banners, ou conteúdo digital, como slides e produção de vídeos roteirizados. Cada grupo disporá de 15 minutos de apresentação, que será seguida por um debate coletivo na turma, embasado nas seguintes perguntas norteadoras: I. Diante do que aprendemos e do que vocês descobriram através da pesquisa, a escola e os demais espaços de uso coletivo da comunidade são ou não lugares de respeito às pessoas LGBTQIA+? II. Vocês acreditam que todos se sentem pertencentes a esses lugares e possuem uma relação de afetividade com eles? Explique. III. De acordo com suas observações, quais grupos parecem ser dominantes nesses lugares? Quais práticas esses grupos adotam para dominar o território? IV. O que poderia ser feito neste contexto para promover o respeito às diferenças, visando, sobretudo, o acolhimento e a inclusão das pessoas LGBTQIA+?
5. *Redação (aula 4):* para finalizar o projeto, cada discente deverá elaborar uma redação com o tema “Conscientização e combate à LGBTfobia: por uma escola como lugar de pertencimento para todos”, atentando-se para questões éticas e para os direitos civis e humanos. A redação poderá ser entregue sem identificação. Caso o(a) discente se identifique como uma pessoa LGBTQIA+ e se sinta à vontade para isso, ela poderá trazer suas próprias experiências sobre sua relação com o ambiente escolar e demais espaços de uso coletivo. Para compartilhar os resultados do projeto com a comunidade escolar, a turma poderá organizar um mural com a exposição das redações.

AValiação: Se dará por meio dos produtos criados ao longo da execução do projeto, conforme descrito abaixo. A nota final será calculada pela média simples das notas atribuídas aos produtos listados abaixo.

Produto	Crítérios de avaliação	Pontuação
Apresentação e debate sobre os levantamentos de campo	• Domínio teórico e conceitual do conteúdo.	3
	• Organização das idéias e qualidade da exposição oral (consistência e clareza dos conteúdos e sua articulação, além do uso de linguagem formal e capacidade argumentativa).	2
	• Análise crítica do conteúdo e capacidade argumentativa (oral e escrita) para exposição de ideias.	2
	• Aderência com o tema e o material de apoio disponibilizado.	2



Redação	• Criatividade e pertinência das intervenções no debate com a turma.	1
	• Domínio teórico e conceitual do conteúdo.	3
	• Organização das ideias e qualidade da redação (consistência e clareza dos conteúdos e sua articulação, linguagem formal, coesão e coerência do texto, pontuação, gramática e ortografia).	3
	• Análise crítica do conteúdo e capacidade argumentativa.	2
	• Aderência com o tema e o material de apoio disponibilizado.	2
BIBLIOGRAFIA DE APOIO: ASSOCIAÇÃO DOS DOCENTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS. Cartilha de Enfrentamento à LGBTfobia . Maceió: ADUFAL, 2024. Disponível: https://adufal.org.br/Arquivos/31670# . BRASIL. Ministério Público do estado do Rio de Janeiro. Cartilha Direitos LGBTI+ . 1º ed. Rio de Janeiro: Coordenadoria-geral de promoção da dignidade da pessoa humana, 2024. Disponível em: https://mpmt.mp.br/site/storage/webdisco/arquivos/cartilha_direitos_lgbti_10%20mprj.pdf . VERAS, Elias; MELO E SILVA, Jacqueline; SANTOS, José Claudio Ferreira (Orgs.). Cartilha das juventudes e saúde LGBTQIAPN+ em Alagoas . Maceió: Fiocruz, 2024. Disponível em: https://fiocruz.br/documento/2024/05/cartilha-das-juventudes-e-saude-lgbtqiapn-em-alagoas .		

Quadro 1 – Planejamento didático do projeto “Um Lugar de Respeito”

Fonte: Elaborado pelos autores.

Diante das reflexões apresentadas e da urgência da escola ser mais acolhedora e respeitosa com pessoas LGBTQIA+, o projeto surge como uma proposta pedagógica que articula os conceitos geográficos de lugar e de território às vivências escolares, promovendo a análise crítica sobre algumas formas de manifestação da LGBTfobia. A seguir, apresentaremos o relato de experiência da execução do projeto *Um lugar de respeito* com alunos do 3º Ano do Ensino Médio de uma escola estadual localizada em Maceió (AL).

Relato de Experiência

Inicialmente, é importante ressaltar que o projeto foi adaptado às condições da escola-campo e às características da turma na qual aplicado, em diálogo com a docente responsável. O projeto seguiu todas as etapas propostas, havendo modificações apenas nos critérios e formas de avaliação, que ficaram restritas às apresentações e debates a respeito do levantamento de campo e a elaboração da redação. Outra pequena modificação foi a transição das perguntas norteadoras da etapa 4 para a etapa 5, contemplando as redações nas discussões coletivas.

No primeiro encontro, com a duração de duas aulas, o projeto foi apresentado por meio de uma aula expositiva e dialogada abarcando os principais conceitos e objetivos da atividade. Neste momento, os alunos puderam relembrar os conceitos de lugar e de território para Geografia bem como entender a problemática da LGBTfobia. Após a descrição do projeto em si, ficou acordado com os alunos que na segunda aula seria efetuado o



levantamento da pesquisa de campo em busca dos grafismos LGBTfóbicos presentes no âmbito escolar.

A turma foi dividida em dois grupos, sendo o primeiro responsável em buscar, registrar e analisar os grafismos em linguagens verbais de cunho LGBTfóbico e o segundo em buscar, registrar e analisar os grafismos em linguagens não-verbais, acompanhados pela docente e pelos coordenadores do projeto (Figura 1). Antes da atividade, a turma alertou que a escola havia sido recentemente pintada e reformada, havendo a possibilidade de não existirem tantos grafismos como antes. Diante disso, solicitamos aos alunos que descrevessem outras formas de expressão da LGBTfobia no ambiente escolar, conforme abordado na aula expositiva.

Mesmo com os desafios, os alunos se mostraram engajados na busca pelos grafismos na escola. Em pequenas equipes organizadas internamente pelos grupos, os alunos começaram a investigar os banheiros, as áreas de recreação, corredores e salas de aulas vazias.

Figura 1 - Levantamento de campo



Crédito: David Matheus da Silva Frade.
Data: 08/09/2025.

Figura 2 - Grafismo de cunho LGBTfóbico



Crédito: David Matheus da Silva Frade.
Data: 08/09/2025.

Ao retornar para a sala, foi solicitado que os grupos se reunissem para discutir e começar a organizar a apresentação da aula seguinte. Neste momento, já era possível ouvir comentários entre os grupos a respeito de pessoas que já sofreram algum tipo de discriminação LGBTfóbica na escola, bem como professores sendo apontados como promotores da LGBTfobia contra os estudantes. No final da aula foram reforçadas as orientações para as próximas tarefas do projeto.

No segundo encontro os grupos apresentaram suas percepções sobre o que encontraram no levantamento de campo e se eles consideravam a escola como um lugar de respeito, pertencimento e segurança para pessoas LGBTQIA+. As análises sobre o ambiente escolar foram bastante críticas. Dois representantes de cada grupo conduziram as apresentações e um deles quis se identificar como membro da comunidade LGBTQIA+ e



descrever sua experiência na escola. No seu relato, ficou claro que a escola ainda tem desafios para se tornar um lugar acolhedor e respeitoso às pessoas LGBTQIA+, tendo em vista os comentários de colegas da turma, o tratamento diferenciado de professores, gestos impróprios dos alunos e áreas que despertam insegurança, evidenciando a segregação das pessoas LGBTQIA+. Outros representantes retomaram os conceitos trabalhados e, sobretudo, a questão do respeito e do pertencimento na escola, demonstrando entendimento sobre os conteúdos abordados no projeto.

Na sequência, foram elaboradas as redações individuais, sem identificação. As redações foram recolhidas e, após leitura dos coordenadores do projeto no intervalo das aulas, foram selecionadas 15 das 30 redações. Ao retornar à sala, foi aberta uma roda para a leitura das redações por alunos voluntários, que, de maneira aleatória, pegavam o texto de um colega para leitura em voz alta. Concomitantemente, foram anotadas no quadro palavras-chaves relacionadas com as perguntas norteadoras para o debate que se seguia ao final de cada leitura.

De modo geral, todas as redações entregues cumpriram com a temática e contemplaram a análise crítica sobre a escola como lugar ou não-lugar para pessoas LGBTQIA+. Alguns termos recorrentes foram: preconceito, violência verbal, respeito, pertencimento, acolhimento, segregação, diferenças, espaços, segurança, saúde mental. Ademais, alguns trechos chamaram atenção, tais como: “o preconceito atrapalha o aprendizado”, se referindo ao baixo rendimento escolar das pessoas da comunidade que enfrentam desafios na escola; e a importância de “desconstruir de estereótipos”, algo necessário e urgente para o fim da LGBTfobia na escola.

Durante as discussões os alunos mostraram certa timidez e dúvidas em caracterizar a escola como um lugar ou não-lugar para pessoas LGBTQIA+. Entretanto, após as leituras, a participação foi mais ativa, chegando a um certo consenso de que a escola não é um lugar de acolhimento para pessoas LGBTQIA+ devido às diferentes expressões LGBTfóbicas presentes no ambiente, não se restringindo os grafismos no patrimônio. Como consequência, os alunos pontuaram que o cotidiano se torna difícil para essas pessoas, pois elas têm que enfrentar a discriminação até mesmo na escola, onde elas passam grande parte do seu tempo.

Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo identificar as contribuições do ensino de Geografia



para o combate a LGBTfobia nos espaços escolares brasileiros, propondo uma sequência didática que dialoga diretamente com os alunos sobre suas experiências no cotidiano escolar por meio do projeto *Um Lugar de Respeito*. Com isso, buscou-se construir com os alunos, através dos conceitos de lugar e de território, a compreensão se a escola é ou não um “lugar” de pertencimento para as pessoas LGBTQIA+ e como se dá a relação com os demais grupos.

Houve o cumprimento de todas as etapas previstas no projeto, sem grandes problemas, havendo ajustes nas avaliações, realizado em acordo com a docente da turma. O objetivos do projeto foram alcançados, promovendo amplos debates e reflexões críticas com o público-alvo sobre as diversas formas de opressão às pessoas LGBTQIA+ no ambiente escolar, mobilizando a análise espacial por meio dos conceitos de lugar e de território.

Os resultados evidenciam, a partir da visão dos próprios alunos, que a escola tem muito o que evoluir para se tornar um lugar de respeito. O levantamento de campo e os relatos trazidos nas redações e debates coletivos evidenciam as diversas formas de violência no cotidiano escolar para os alunos LGBTQIA+. Nesse sentido, conclui-se que os padrões heteronormativos ainda segregam os espaços escolares, trazendo insegurança e o não pertencimento para os alunos da comunidade LGBTQIA+.

O projeto ainda levantou questões cruciais para entendermos a complexidade da diversidade cultural presente nos espaços sociais como as escolas: a interseccionalidade. No decorrer dos debates, os próprios alunos levantaram a pauta sobre como as discriminações contra pessoas negras e contra mulheres também fazem parte do cotidiano escolar, reforçando a importância do projeto em levar uma discussão que vai muito além de promover o debate de sensibilidade a respeito de um grupo discriminado, nesse caso, as pessoas LGBTQIA+. Ou seja, o projeto serviu como um ponto de partida para iniciar um debate sobre respeito a todos as pessoas e grupos que historicamente são silenciados e discriminados por serem quem são.

Conclui-se, desse modo, que a luta por uma escola de respeito para as pessoas LGBTQIA+ é urgente, necessária e pertinente à Geografia escolar, que pode adotar o compromisso de promover debates sobre a escola como um lugar de respeito e pertencimento, principalmente em uma sociedade construída na desigualdade, segregação e discriminação social (raça, gênero, classe, sexualidade etc). O projeto *Um Lugar de Respeito* evidencia não apenas a urgência da temática, mas também a possibilidade de avançar em debates mais amplos.

Referências



ALVES, G.; SCARLATO, F. C. O lugar na Geografia. In: CRUZ, R. C. A.; CARLOS, A. F. A. (Orgs.). **A necessidade da Geografia**. São Paulo: Contexto, 2019, p.140-149.

BECKER, B. Síntese das contribuições da oficina da Política Nacional de Ordenamento Territorial. In: **Anais...** Oficina sobre a Política Nacional de Ordenamento Territorial, 2003. Brasília: BRASIL/MI/SDR, 2005, p.71-78.

CARDOSO, A. R.; ZIMMERMANN, T. R. Homossexualidade e expressões em grafitos escolares. **Emblemas**, v. 18, n. 1, p. 81-96, jan./jun. 2021.

CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.

FERREIRA, L. Iluminando o lugar: três abordagens (Relph, Buttimer e Harvey). **Boletim Goiano de Geografia**, v. 22, n. 1, p. 3, 2002.

HAESBAERT, R. Desterritorialização, multiterritorialidade e regionalização. In: **Anais...** Oficina sobre a Política Nacional de Ordenamento Territorial, 2003. Brasília: BRASIL/MI/SDR, 2005, p.15-29.

MORAES, A. C. R. Ordenamento territorial: uma conceituação para o planejamento estratégico. In: **Anais...** Oficina sobre a Política Nacional de Ordenamento Territorial, 2003. Brasília: BRASIL/MI/SDR, 2005, p.43-47.

OBSERVATÓRIO DE MORTES E VIOLÊNCIAS LGBTI+ NO BRASIL. **Dossiê 2023**: Mortes e Violências Contra LGBTI+ no Brasil. Florianópolis: Acontece, 2024.

RAMOS, R. F. **Marcas da LGBTfobia na escola**: análise de histórias orais de alunos/as LGBTTT em uma escola da periferia de Fortaleza. Dissertação (Curso de Mestrado Interdisciplinar em Humanidades) - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Redenção, 2019.

SILVA NETO, A. M. **As contribuições da Geografia na construção do debate sobre gênero e sexualidade na escola**. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente. Maceió, 2022.

SOUZA, G. Ensino de Geografia nas questões de gênero e sexualidade/orientação sexual - Escola Padre José Theisen. **DIVERSITAS JOURNAL**. Santana do Ipanema/AL, vol. 6, n. 1, p.1499-1518, jan./mar. 2021.

SOUZA, J. W. F.; et al. O conceito de lugar e a sua relevância para o ensino de Geografia: uma análise a partir da perspectiva de docentes de Geografia da rede municipal de Fortaleza - Ceará. **Revista da Casa da Geografia de Sobral**, v. 24, p. 463-484, dez. 2022.

SOUZA, M. J. L. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. **Geografia**: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, p.77-116.

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO DISTRITO FEDERAL E DOS TERRITÓRIOS - TJDF. **Homofobia pode ser enquadrada como crime de racismo**. Brasília, 2022. Disponível em: <https://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/campanhas-e-produtos/direito-facil/edicao-semanal/homofobia-pode-ser-enquadrada-como-crime-de-racismo>. Acesso em: 23 jun. 2025.

